



O Galateo



Visado pela Censura do Porto **OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES** Ano V—N.º 116 Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galateo | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
PAÇO DE SOUSA | 7 de Agosto de 1948 | Vales do Correio para CETE



Ihes basta! Oh segrêdo divino das almas a quem Deus fala!

Padre Adriano, enquanto professor no Seminário, toma conta de uma freguesia aonde padre nenhum jamais fôra, desde as épocas de mil novecentos e dez. Ia no sábado à noitinha. Ficava na sacristia sobre uma caixa, com uma troixa de opas por travesseiro e por manta a sua capa.

— Oh rapaz; tu não tinhas medo?

— Não.

— Pois olha; eu cá tinha.

E tinha, sim. Eu morria de medo. Ele não.

Depois de tirar as teias de aranha da igreja, começou a fazer o mesmo aos seus paroquianos. Tarefa difícil. Muito difícil. Não era um povo des-cristianizado; era, antes, uma paróquia catequisada... Por isso mesmo ninguém o recebia. Não queriam ali o padre, — porque padre. Mas o novo sacerdote sabe muito bem os caminhos do Senhor. Começa por dar-se totalmente ao povo. Dar-se sem nunca pedir nada. Compromete as suas migalhas. Compromete a sua saúde. Dá de mão ao seu conforto. Não se busca. Nunca houve no ânimo do Padre Adriano a preocupação do alqueire, ao tomar conta da sua paróquia. O alqueirito... A suave desgraça da Igreja! Não houve. Ele não via o milho; via as almas.

«Deixa o barco e as redes; d'hoje em diante, serás pescador de almas». Sim, Padre Adriano sabe os caminhos do Senhor. Por isso mesmo, deu-se o inevitável: Quando se começa a falar na paróquia da próxima saída do senhor Prior, o povo levanta-se: Que não, e que não,—e que não! E' sempre o Galileu que vence.

Ora aqui se deixa o verdadeiro retrato do Padre Adriano



Aqui em casa quem não trabalha não come. E' dos livros.

Por duas razões damos hoje à estampa esta fotografia. A primeira, é por ser do falecido Bispo de Coimbra, senhor D. António Antunes. Era muito amigo da Obra. Era leitor de fio-a-pavio. Visitava-nos muitas vezes comendo à nossa mēsa, da mesma comida, no mesmo refeitório e à mesma hora. — E deu à **Obra da Rua** dois sacerdotes qualificados.

Falou-se muito d'Ele quando foi da Sua morte: Reportagens, Biografias, tudo. Muito mais lhe falou Deus durante os meses que o demorou no leito, até chegar a hora. Essas conversas, ninguém as sabe! Deu dois padres qualificados à Obra da Rua, cinzeladores.

A segunda razão, é que entre os cinco sacerdotes que ali se veem, todos irmãos, um é o Padre Adriano. E' um d'eles, mas quem o não conhecer, não fica a saber qual é. Eu gosto assim. Nem mostrar-me, nem mostrar, — para que nos vejam! O Padre Adriano, perseguia-me desde pequeno. Eu andava por Coimbra ao serviço dos Pobres, e em lugar de ir para férias, como os mais faziam, o pequenito Adriano, ficava no Seminário, e perseguia-me...

Foi colocado como professor no Seminário da Figueira. Vinham as férias e P.º Adriano dava em Coimbra.

— Que queres tu?

— Nada.

Era a paixão! Paixão funda. Ele não queria nada. Hoje também não quer nada. Está actualmente na Casa de Lisboa. Fundou a Casa de Lisboa. Trabalha e mata-se na Casa de Lisboa.

— Olha que tu não te prendas à Casa de Lisboa, porque tens de ir prá do Porto.

— Eu não quero nada.

São assim os verdadeiros apaixonados. Não querem nada. A paixão

O nosso ano lectivo

Começamos pelo Tojal. Ali, houve falta. Não houve escola. Fundou-se a casa em Dezembro de 47, com alguns rapazes da Casa do Galateo de Miranda e outros tantos da de Paço de Sousa, como ao tempo aqui se relatou. Muito nos consumimos, P.º Adriano mais eu, para garantir o ensino aos fundadores, em vão. Tanto estes, como todos quantos ao depois vieram, ficaram sem letras. Não acontecerá assim no ano que vem. Pediu-se a criação de uma escola primária e também a nomeação de uma professora, com participante, ao mesmo tempo, da nossa vida de comunidade.

Algumas professoras, teem-se oferecido para reger cadeiras em nossas casas. Quando pedi em Lisboa, para a casa do Tojal, não era raro vir ter comigo uma, e às vezes mais professoras, oferecerem os seus serviços de ensino. Mas nós já estávamos servidos, sim, mas, ainda que não, nenhuma das que se ofereceram serviria, por causa do esmalte... Ele nas escolas, éle nos lares, éle nas igrejas. E como d'estes três sitios é que sai tudo, anda todo o mundo esmaltado. Dá pena! Eu amo as coisas e as pessoas como elas são.

Mas se houve falta no Tojal, não assim nas mais casas. A começar por Miranda, sabemos pelo crónista de lá, que os nossos dois seminaristas deram boa conta de si. Também passaram de classe e fizeram a 4.ª, quantos frequentaram a escola primária da Casa. O Herlander, venceu o ano e deu mais um passo nos degraus da *Briosa*. O Carlos Inácio, estudante do liceu e crónista do Lar de Coimbra, segurou o ano. O Carlos Inácio, anda desolado por outros motivos. E' a bola. E' o seu club; éle é do Boavista. Não é bem o club que o faz andar triste; é o Caiado. O Caiado transferiu-se, ao que consta, e o rapaz quer morrer! Ele não via mais ninguém senão o Caiado. Aqui em Paço de Sousa, bateu-se muitas vezes por éle. Quando havia jogo no Porto, quem é que segurava aqui o Carlos Inácio!? E actualmente, em Coimbra, era da mesma sorte. Duma vez que ali passei, éle encheu-me os ouvidos com o Caiado, que tinha estado ali de vespera: *Aquilo é que é. Não há igual!* E pediu-me se podia ir almoçar mais éle. *Ele convidou-me.*

— Podes sim. Tudo quanto fôr bom e honesto, podes.

Anda triste o Carlos Inácio, sim, mas já me disse que se não transfere. Que fica no Boavista à mesma. Viva o Carlos Inácio! Continuando com os estudos, temos o Lar do Porto, aonde o Julio venceu o 4.º ano comercial e o Amadéu passou para o segundo; e os que ali estudaram instrução primária, passaram de classe uns, e outros fizeram o seu exame. Temos agora Paço de Sousa. Paço de Sousa é a enchente. Passaram 25 da terceira para a quarta e desta, saíram dezassete d'eles com o diploma na mão. Eis aqui os nomes de cada um: Chico de Abrantes, Alberto do Porto, Lourenço idem, Joaquim de Amarante, Valdemar do Porto, Ricardo de Ilhavo, Candido do Porto, Zé de Famalicão, Zé de Cinfães, Miguel de Coimbra, António de Foscôa, João de Canavezes, Delfim de Gaia, Artur de Luanda, Joaquim da Feira, António de Gaia, Raul de Paços de Brandão, Zé de Lamego, Rui de Abrantes, David de Paços de Brandão, António de Celorico da Beira, José da Póvoa de Varzim, Fernando de Leiria,

MIRANTE DE COIMBRA

Para não estarmos sempre a malhar no mesmo ferro velho, pousamos hoje o malho de Lisboa e vamos até ao nosso conhecido mirante de Coimbra. Guardada estava esta coluna para o nosso assistente dali, mas ele queixa-se, e com razão, de que nem tempo tem para sentar-se à mesa a comer descansado, quanto mais para sentar-se à secretária e alimentar os nossos 20.000 gulosos leitores. De facto, já tive ocasião de o ver levantar-se quatro vezes, durante a mesma refeição, para atender ao telefone que o chamava a resolver assuntos das quatro casas que tem às costas.

Vamos então a Coimbra. A queima das fitas já vai longe; passaram igualmente as festas da Rainha Santa. Os Cursos de Férias interessam aos sábios; a nós só nos interessa e leva às areias do Mondego, a sorte dos filhos do Rua.

De hora a hora lá estão eles a bater à porta. Querem dar o nome. O nome é a única coisa que eles têm de seu; só isso eles podem dar. E não o dão a toda a gente, mas só a quem lhes *quere* bem. Há dias passaram por Miranda muitos oficiais do nosso exército. Deixaram uma lista de nomes. E' a força destes nomes que trás à nossa parte a chusma dos pequeninos que vem dar o nome.

Para quê?

Para as colónias de férias.

A tradição ainda se não quebrou desde 1935.

São os garotos das *ilhas* que a aguentam. As Casas do Gaiato e respectivos Lares, já davam trabalho mais que suficiente para os poucos dirigentes, mas os miudos não desarmam. Com muitos meses de antecedência, já vêm insistir e dar o nome. E' que uma força os impele também a eles: é fome, é a escuridão, é a imundice da trapeira. Quem lhes pode negar o direito de vinte dias de boa alimentação, de sol, e água das cascatas da serra?

Passsei com estes colonos umas horas, para matar saudades. Depois da ceia foram cantar à volta da fogueira. Apetece cantar quando o estômago está composto. Em cima da mesa vi a colecção de coisas que os vizinhos, e visitantes tinham trazido naquela tarde. Eram: batatas e abóboras do *snr. Doutor*; hortaliça e fruta da *nossa mãe*; cerveja, tremoços, bôlos doces, vinho fino, toucinho e ovos, filhós, etc.. Desculpe o leitor a franqueza: não foram só os pequenitos que nos deixaram saudades... Com o tempo se foi na Senhora da Piedade, a visita às outras casas houve de ser abreviada. Tinha outra visita a fazer e precisava de dispôr de tempo para ela. Queria visitar a universidade da pobreza, ali na Rua da Ilha, onde as criaditas são as mestras.

—Snr.º D. Carolina, vai tendo que dar aos seus pobres e às criancitas?

—Pouco, muito pouco. Um dia destes, uma irmã precisou de escrever um postal. Só tinha um tostão. Uma das pequenitas notou o embaraço dela e foi buscar os dois tostões que faltavam...

No dia seguinte lá estavam à mesa quase cem crianças; nos outros dias, a mesma coisa.

Quanta fé e quanta confiança para não desanimar! O mundo precisa destes banhos de luz, para vêr que há forças maiores que o dinheiro e que a força dos atos de que tanto se fala.

Andamos por demais agarrados à matéria e



Fim de semana

Tivemos cá muitos dos rapazes do Porto, em fim de semana. Foram eles o Julio, que me trouxe a noticia de haver passado para o quinto ano comercial. O Marques, o Chico de Casal delo, o Manuel de Lisboa, o Mondim, o Armando e o António carpinteiro.

Um destes, não importa o nome, veio-me contar o desgraça de haver perdido o anel que trazia no dedo, e queria comprar um igual para dar a ela...!

Coisas de namorados. Por um amor de uma revelação tão sincera e dum desejo tão humano, faça-se a vontade do rapaz.

Esteve também entre nós, a fazer o seu fim de semana, o Amandio do Porto, que já saiu do Lar para a companhia da sua mãe, — e é do Lar.

Os chefes de cá, enquanto servem os visitantes, vão-se queixando de que no Porto, não são assim servidos. Isto foi dito ao pé do Julio. Eu ouvi, e disse que não estava nada certo. Que amor, paga-se com amor. Julio refutou a acusação. Quem dera que ela, a acusação, não tenha fundamento.

por isso nem sempre avaliamos o valor do imponderável, da pobreza, da virtude, do espirito.

Visitei há tempos u na secção de abegoaria da Camara onde vivem os empregados do lixo. Numa parede pendia um papel onde se lia: «Aviso importante: o esterco é uma das fontes de riqueza da Nação. O vosso dever é aproveitá-lo bem!»

E' assim que pensa e procede o mundo. Olha para o lixo como uma riqueza nacional, e deixa no mais abjecto abandono aqueles que o apanham. A matéria é tudo: o homem, a sua dignidade, a sua saúde, a sua alegria de viver não contam.

Já lá vai muito longe a lição do Pobrezinho de Assis que endireitou as paredes arruinadas da Igreja com a irmã Pobreza. Precisamos de outros Franciscos e outras Obras para acudir ao mundo que se escaqueira sob o peso da matéria!

P.º ADRIANO



Lar dos ex-Pupilos

Ano lectivo

Apesar de ter havido 5 desistências durante o ano escolar que acaba, os resultados finais dos restantes estudantes são lisonjeiros e em nada comprometem as médias alcançadas o ano passado.

Regista-se o esforço dos que estudam em escolas nocturnas. E' preciso ter uma tenacidade forte, uma perseverança constante e um ideal superior para se superarem todas as contrariedades, todos os contra-tempos e, o que é ainda mais de salientar, as incompatibilidades entre as horas officinais e as escolares. Para estímulo deles, aqui fica o apelo da Obra da Rua para que prossigam na rota do seu aperfeiçoamento e consagrem o tempo disponível à elevação do espirito, pois a vida só vale na medida da dedicação a causas nobres.

No posto escolar que funciona dentro do Lar, habilitaram-se para exame do 1.º grau os pupillos Alfredo Benedito e Cidálio Ferreira; para o 2.º grau — Manuel de Figueiredo. Ficaram aprovados.

Na Escola Industrial e Comercial de Brotero, no curso noturno comercial, o António Lobo transitou do 1.º para o 2.º ano; o Luiz Ferraz do 2.º para o 3.º (este pupillo já tirara, anteriormente, o curso industrial); o Eduardo de carvalho do 4.º ano para o 5.º (louva-se a persistência deste rapaz, que viu o seu ano escolar seriamente comprometido com a prestação do serviço militar); o Carlos Migueis concluiu o curso comercial, e em Outubro próximo irá formar, com a sua eleita, mais um lar cristão.

No curso industrial, o Benjamim Terezo e o Mário Almeida foram obrigados, contra sua vontade, a desistir por incompatibilidade com o horário dos empregos. Houve mais três desistências no curso comercial, do Alberto d'Oliveira, Joaquim d'Oliveira e Carlos de Brito, pela mesma causa.

O estudante de direito, depois de ter «bisado» o 1.º ano, transitou para o 2.º.

Por último, o Armando Pinheiro concluiu esplendidamente o curso de enfermagem. E' de de louvar a acção clinica que este nóvel enfermeiro tem prestado aos seus colegas, sem qualquer interesse.

H. F.



Peditórios

Eu vou. Vou à Figueira, vou à Póvoa, vou a São Martinho do Porto; vou a Espinho e também conto ir a Vidago. Vou, sim. Assim lá estejam os senhores mai-las senhoras.

Depois direi de como foi o nosso encontro. Oxalá eu possa dizer bem, com verdade. Vamos a ver.



Quatro baldes transportados por três trabalhadores. E' o Manuel de Mezão Frio, é o Xancaxé do Porto e o Sebastião de Matosinhos.



Nota da quinzena

Aqui há um ano, fui a uma casa pobre destas redondezas, aonde acabara de falecer a mãe, deixando nove órfãos que já o eram de Pai; e a título de emergência, trouxe um dos mais pequenos e o mais doente. Digo emergência, porquanto a nossa obra é para os vadios. Andou o tempo. A creança está hoje um amor perfeito. Quizera que todos quantos lá ficaram tivessem a mesma sorte, mas não. Aqui há um mês, vi subir avenida acima uma rapariga nova, de luto, com algumas creanças pela mão. A cara delas era espelho. Via-se tudo. Nada mais triste no mundo do que uma creança triste! A moça, 21 anos feitos, desfia: — Além do mais, tem à sua conta uma irmã de dezanove, anormal. *Eu tenho de lhe fazer tudo.* Ela queria que eu lhe ficasse com mais alguns irmãos. Trazia por onde escolher. *O' menos estes dois pra me aliviarem.* E eu disse que não !!

Disse que não, mas não fiquei quieto. Comuniquei imediatamente com a comissão de assistência do concelho, que me respondeu na volta, dizendo ter em viado o caso para Lisboa, visto não haver nada em cofre. Dias depois, novo officio. O caso está agora na Defeza de Família. Primeiramente troca de officios. A seguir, troca de inqueritos. Depois, o subsídio. Trâmites dolorosos, para quem tem de curtir fome. Creanças a curtir fome!

Até aqui o facto e a Assistência Oficial. As coisas são assim mesmo. Ninguém pode tomar a mal, tão pouco esperar outras normas. Os Sacramentos, são canais por onde corre o sangue de Jesus, sim. Pelos canais da Assistência, tinta!

Ora vamos que naquela freguesia houvesse instalada uma Conferência de S. Vicente de Paulo; ou que as confrarias ali erectas, emergissem da poeira e tomassem o seu lugar: *Confrades.* Irmãos com irmãos para o bem dos irmãos. Que Beleza! Que Riqueza!

Estava tudo remediado, se assim fôsse. Dentro dos confins daquela aldeia e pela acção cristã dos confrades, aquela familia de orfãos seria cristãmente servida. Nós temos tudo. Temos a Mãe. A Santa Madre Igreja. O único berço da Caridade. O povo das freguesias, calejado e laborioso, em redor da Mãe, a cuidar dos seus irmãos postos em necessidade. Quem mais dá do que ele?! Nós temos tudo em casa e vamos buscar fóra o que não presta. Dá pena!



Lêde e propagai

o "Gaiato"

Isto é a Casa do Gaiato

ENTROU agora mesmo no meu gabinete um rapaz com uma data de peras, que ele trouxera da quinta. *Já estão maduras, diz ele. São daquela pereira do fundo.* Colocou-as sobre a mesa de trabalho e quando ia a desandar, convidou-o a tomar algumas. Pegou numa e foi-se embora. Ora este dito rapaz, cujo nome não vem a propósito, era o cobiçador máximo das frutas aqui em casa. De cobiçar ao mexer, a distância é diminuta, mas ele tornava-a ainda mais pequena, pelo seu olho vê mão pilha. Não escapava nada! Como vem ele hoje trazer a fruta à minha mão? Não sei. O ponto de admiração, também é para mim. Não sei, e estou admirado de tanta fidelidade, da parte de quem jamais soube o que isso era. Só se fôr pelo tribunal de ontem à noite. Efectivamente, no tribunal de ontem, foram chamados alguns à barra, por via da fruta, e este com mais outro que procedia da mesma sorte, foram solenemente nomeados os guardas do pomar...

ACABO de receber este bilhete de um doente da enfermaria: «O Zé da Lenha mandou-me pedir dinheiro ós senhores visitantes é uma coisa que o Zé da Lenha não havia de mandar o senhor padre Américo fazia o favor de o mandar castigar porque isso não se deve de fazer.»

A carta é feita a lapis e foi-me entregue por um que fôr visitar o doente. O Zé da Lenha, é uma figura conhecida dos leitores. Já foi tirado de porteiro, justamente pela mesma falta: pedia ós cicerones que lhe dessem dinheiro. Pedia ós mais pequenos, e se o não fizessem, comiam. Pelo que se vê, tem feito poucos progressos no caminho do bem. O que nos vale, é haver cá em casa rapazes que fazem tudo para o meterem no caminho: *fazia o favor de o mandar castigar*: Eis aqui os nossos Prefeitos. São os mais perfeitos e mais baratinhos.

Claro está que nós somos aqui muito desfalcados. Ele venda do jornal, ele dinheiro de visitantes, ele coisas que lhes

desfalcados. Sim. Somos verdadeiramente desfalcados por muitos *Zés da Lenha*. Mas é preciso. Como os havíamos nós de levantar, se eles jamais tivessem ocasiões de cair? Eles, os Caídos! Mas a gente aguenta-se. Também nas oficinas os aprendizes estragam muito material, e os patrões aproveitam o estrago para dar a lição. Ora eis. De resto, antes estes desfalcados da malta, sem livros nem contas, do que os feitos, com livros e contas, por mestres. Tu que sabes e eu que sei...

JÁ cá tem vindo mais vezes; ontem, foi uma delas. É uma senhora nova e formosa, que se apresenta de mala na mão, manda chamar o *Príncipe*, veste-o de cima abaixo, por suas mãos, principescamente e deixa ficar à nossa costureira, para ele, uma data de roupa da mesma sorte. Nota-se, pela qualidade, feito e amor com que veste o enfeitado, que são peças executadas e guarnecidas por suas próprias mãos. Perguntada quem é e aonde mora, a senhora ri-se e ri-se e torna-se a rir de estante, mas não diz nada, de forma que estamos em frente de algo que seria Estingir, se não tivera expressão.

Os vestidos, são do molde dos que adornam os pequeninos fidalgos. A cada passo vejo nas ruas das cidades, crianças elegantes, na companhia dos seus, vestidos daquele mesmo figurino. E pode acontecer que este nosso, também seja fidalgo, sim, a avaliar pela sua fidalga compleição. Nós não sabemos nada, ou muito pouco, destes que tanto amamos! Pode ser, sim, mas o caso é que ele se encontra numa obra pobre, no meio de pobres, e como tal se há-de apresentar. Nós somos a chinela.

Por isso senhora desconhecida; guarde, continue a esconder o Seu nome, e venha por cá mais vezes vestir o *Príncipe*. Dê largas ao coração, sim, mas traga roupa adequada. Aquela que ontem lhe vestiu, já hoje a não traz! E quer saber uma coisa? A criança amou e fez perrice pela roupa nova. Não a queria largar! Berrou toda a manhã por ela, minha senhora! Ora veja como nós

somos: já de pequeninos, queremos parecer! Ele deu a lição. Queremos nós outra também: Combater aquele mal, desde pequeninos. A quem chinela, chinela. A quem sapato, sapato.

Nunca tivemos cá em casa rapazes tão adequadamente vestidos, como quando fizemos calções de uns retalhos de fazenda de lá, que alguém nos mandou, creio que de Lisboa. Deu para sete *Batatas*. Oh beleza!

MAL curado d'uma, o *Manuel sapateiro*, aparece-me outra; ando cheio de feridas e todas a sangrar! Eu tenho que o peso da gloria do Ceu não tem paridade com o que no mundo se sofre—tenho e é uma verdade eterna. Agora foi um que se embebedou com escandalo de todos quantos observaram! A taberna! O vinho! O inimigo querido e necessário! A maioria dos nossos rapazes, foram gerados nele! A's vezes ando tão triste, que me dá na cabeça ir pela quinta abaixo, de noite, e cortar todas as cepas! Mas é um mau pensamento. Uma coisa me consola: a denuncia, foi-me feita pelo chefe, de sorte que fica de pé a nossa divisa: *Obra de rapazes*. Depois, o faltoso assinou a sua sentença no papel e está cumprindo. Outra vez *Obra de rapazes*.

ELE apareceu-nos aqui à porta. Disse ser de Traz-os-Montes. Olhos pretos a reluzir. Muito trigueiro. Vivacidade. Ficou, pelo bem que falou. Uns onze anos talvez. Domingo seguinte há o costumado movimento de visitantes. Um deles, entrega-lhe um envelope com cinco notas de 20\$00, em pagamento do jornal. O rapaz recebe e na segunda-feira de manhã desanda. Chega à vila de Paredes, entra numa tasca e manda vir de comer. O dono olha para o rapaz, olha para o envelope e telefona. Mandou-se imediatamente o *Morris* por ele. O *Morris* já tem 23000 quilómetros, todos a bem da nação!

Apresenta-se o fugitivo. Nem alvo-
raçado, nem medroso, nem compungido.
O mesmo ar alegre e desembaraçado
com que na aldeia entrara. E' trasmon-
tano e basta. Chamei-o e comeci a
prégar. Sermão pequeno e sem latim,
para ele compreender tudo e não se en-
fastiar. Acabei e dei-lhe a palavra.
Ei-la: Ele fala assim:

—O que xé xegue é que voxemexé
tem aí o seu, dinheirinho todo!

—Pois tendo, sim, mas devo-o ao
homem aonde ias comer. E' préguéi
novo sermão.

O rapaz escuta sem perder uma pala-
vra. O olhar é penetrante. Esperei
pela resposta dele.

—Já le dixé. Tem cá o xeu dinheiri-
nho. Que mais quer?

Nessa mesma tarde, o aparente in-
convertível, veio-me dizer que tinha muitas
saudades da sua mãe. Aqui está.
A mãe é sempre chamada nas voltas e
reviravoltas da nossa alma. Quanto
mais longe dela, mais se chama por ela.
Ele vinha de Trás os Montes! Parece
que não fez caso do sermão e ouviu
tudo...

ESTIVERAM ontem aqui uns senho-
res de S. João da Madeira. Di-
nhieirinho, Brinquedos, roupas. Di-
loseimas, perus,—e um garnizé pró *Sapo*.
Oh trabalhos! Já tinhamos os do *Piri-
quito*. Depois, vieram os do Moléstia.
Agora o *Sapo*. O *Sapo* é o rei dos brig-
ões. Eu quando não puder mais,
vou-me daqui pra fóra e acabou-se.
Quem quiser que venha tomar conta.

É com infinita máguia que comunica-
mos hoje aos nossos leitores a
notícia de duns rapadelas infligidas
a dois dos redactores do *famoso*. Tanto
mais triste a noticia, quanto é certo não
haver caracóis na aldeia como os deles.
O *Piriquito* é que rapou.

NOTÍCIAS DA CASA DO GAIATO DE LISBOA

por Pedro João

1 Há muito tempo que andava-
mos a pedir ao senhor Padre
Adriano para nos deixar
dar um passeio no nosso Overland.
Foi no dia dezoito do mês passado.
Fomos à festa do Anjo Custódio
da Nação a Bucelas. O que vale é
que o carro é forte foi lá quatro vezes
e levava dez de cada vez. Logo que
chegamos a Bucelas fomos recebidos
pela madrinha do Anjinho. O Anji-
nho andava doido de contente por ir
visitar a madrinha e o senhor *Quitê*,
como diz ele. Demos por lá algumas
voltas até que se aproxima a hora
da procissão e assistimos a ela. No
fim o senhor *Quitê* obrigou nos a
comer uma sande e deu-nos uma
gasosa a cada um e um senhor tirou-
nos o retrato.

2 Ainda não passamos dos 300
jornais em Lisboa. Já ex-
perimentamos ir ao sábado,
mas não vale a pena porque não
podemos vender nos sítios melhores.
Vamos para entrar em alguma cafés
mandam-nos embora; vamos para as
esplanadas, vem a policia. Já tive
que ir com um deles ao posto. Por
nã nos deixarem vender os jornais
num café levantou-se uma questão
em que eu estava a ver que iam os
todos parar ao calhauço. Foi o
seguinte: Eu ia para entrar mas o
porteiro não deixou. Um senhor que
me chamava de lá de dentro como
viu que me não deixavam entrar
virou-se para o porteiro começou a
ralhar com ele. *Fui eu que o chamei*
—dizia ele já sangado, mas ainda
que ninguém o chamasse o senhor
devia deixar entrar porque é uma
obra que todos devem ajudar. Depois
vem a policia e tudo acabou. Isto é

para os senhores sabarem o que nós
às vezes passamos.

3 Se em Lisboa a venda do
«famoso» é difícil, nos arredores
de Lisboa vai em
aumento! Em Loures vendem-se
quase cinquenta. Só na Câmara Mu-
nicipal vendem-se metade. No Tojal
vendem-se mais do que trinta e para
Bucelas levam-se quarenta. Já se
experimentou a ir vender o Gaiato a
Malveira. Ficaram lá vinte. Não
foi mau logo à primeira. O *Caveira*
é que lá foi. Quando regressava foi
almoçar ao Restaurante de Bucelas.
Como é costume em todas as nossas
casas antes e depois das refeições
resar, este nosso companheiro não se
esqueceu da sua obrigação e quando
estava a almoçar estava também
perto dele um senhor que gostou tanto
de ver o rapaz a resar que puxou
por vinte escudos e deu-lhos.

4 Aqui há dias chegou-nos uma
guia de mosaicos de Coim-
bra. Há muito tempo que
esperavamos por ela porque estava a
fazer muita falta, para acabar as
novas oamaratas. Mandamos várias
recados mas sempre diziam que não
estava encomenda nenhuma na esta-
ção para cá. O senhor Padre Adriano
foi para Coimbra e disse-me que fosse
eu lá vor. Eu assim fiz. Logo na
camioneto o conductor disse que não
valia a pena lá ir porque a encomenda
não estava lá eu ateimei e fui ao
ao acaso, se a encomenda lá não esti-
vesse ia ver à estação para a conhe-
cer para outra vez que fosse preciso.
Cheguei lá e perguntei ao factor pela
encomenda e ele dizia que não estava
lá. Ateimei tanto com ele que por

fim fomos dar com os csixotes no
cais já prontos para marchar para
outra estação. Quando fui a pegar,
queria que eu pagasse os oito dias
que estiveram no cais e tu disse que
não pagava porque já tinham as pro-
curado por ela, senão ismos dizer ao
chefe. O homem ficou tão atropa-
lhado que só peguei dois dias e ele
teve que pagar o resto.

As notícias d'hoje da Casa de Lisboa,
merecem um comentário. São sempre
boas, porque verdadeiras, mas as deste
úmero escaldam as almas. Primeira-
mente, a questão que se levantou num
café de Lisboa:—A reacção daquele
senhor de acção do porteiro. Depois, as di-
ficuldades que os rapazes experimentam
na venda, a pontos de a policia intervir:
já tive que ir com um deles ao posto.
A comunicação do cronista, de que nos
arredores de Lisboa, a venda vai em
aumento.

Está aqui um mundo de doutrina re-
velada nas singelas palavras do rapaz:
E' para os senhores verem o que nós
às vezes passamos.

E' a *Obra da Rua* que mexe e remexe
as almas. Ela tem as raizes e bebe nas
fontes do Evangelho, por isso mesmo
tem necessariamente de ser *revolucio-
nária* e altamente *perigosa*.

Ainda hoje me lembro da grande re-
pugnância que experimentei na casa de
Miranda, ao receber ali, chegado da Fi-
gueira, este Pedro João! Todo ele era
pú. Hoje é farol. Hoje sabe, sente, con-
vence, ilumina.

Não se queixava então dos homens,
porque não se conhecia, tão pouco a
eles. Monte de pú. Hoje queixa-se, a
cantar vitória.

Vejam o que nós às vezes passamos.
Levanta o grito da luta e continua a lu-
tar por bem.

E' vê-lo na estação da Povoia da Iria,
a erguer a voz ao colosso da C. P.—
e eu disse que não pagava. Ele—o pesti-
lento d'outrora!

O povo da Malveira, compra o
Gaiato: *ficaram lá vinte.* O cronista acha
bem. *Não foi mau logo à primeira.* Meu

é nas esplanadas e nos cafés de Lisboa
Aonde há ostentação, não pode haver
amor. Aquele mundo que deixa perder
nas ruas as crianças, não quer que elas
se salvem, por não ajudar a salvá-las.

E' assim que vamos todos para o
fundo. Vamos sim senhor. Mesmo com
as igrejas abertas na cidade de Lisboa e
até por causa delas—vamos todos para
o fundo!

O rapaz que ali foi vender, (O *Caveira*)
no regresso, entra num restau-
rante em Bucelas, para almoçar. E' possi-
vel que tenha deixado ali todo o dinheiro
da venda, mas comeu. Comeu decente-
mente. E antes não. Este *Caveira* é o
Mário; um rapaz que veio ter a Paço
de Sousa, tão desfigurado que lhe ficou
aquele nome. E' o Mário. Eis tudo quanto
sabemos d'ele!! Hoje, entra num restau-
rante na vila de Bucelas, senta-se,
manda vir e come. Mais. Reza antes e
depois de comer. *Não se esqueceu da*
sua obrigação, como o nosso cronista
diz. Isto é simplesmente maravilhosos!
Não há poder nem saber humanos que
possam realizar no mundo uma obra
como esta da Rua. Ninguém!!

O Mário. O Desconhecido, num restau-
rante de Bucelas, a dar lições. As
mãos que partem o pão, são aquelas
mesmas que o agradecem a Deus. Re-
zou. Rezar é afirmar o Eterno. Rezar
é espalhar luz. *Um senhor que gostou*
tanto de o ver a rezar, puxou por 20\$00
e deu-lhos.

E o rapaz entregou-os em casa. Deu
contas da nota. Tinha de dar contas da
nota, sim. Porquê? Ele reza!

E ficamos por aqui, não seja eu mais
extenso do que o cronista.

Uma coisa pergunto aqui ós senhores
da capital. Se os proprietários das
cafés da cidade do Porto abrem as
portas e regalam-se de ver os nossos a
conversar com os seus fregueses en-
quanto lhes vendem o *famoso*—porque
não ali também?!

Outra coisa se pergunta ós Policias:
Se os do Porto ajudam, porque é que os
de Lisboa perseguem? Parece que são
ali mais fáceis em conduzi-los ós cala-
boços do que ajudar a que eles jamais
por lá passem! Tenho dito.